

**Um Mundo
Dentro do Mundo**

© 2018 – Anna Gurgel

Um Mundo Dentro do Mundo

Anna Gurgel

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
 vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-435-5
1ª Edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gurgel, Anna
Um mundo dentro do mundo / Anna Gurgel —
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.
248 p.

ISBN 978-85-7618-435-5

1. Ciências ocultas 2. Projeção astral 3. Civilização
subterrânea I. Título

18-0755

CDD – 133

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências ocultas 133

Anna Gurgel

**Um Mundo
Dentro do Mundo**

Do mar vieram as grandes navegações
Que ampliaram para os homens
Os horizontes antes diminutos.
Do espaço reluziram as naves, que se revelaram à pequena
E insignificante existência humana;
Do interior da Terra jorra a Luz do Amor fecundo de
Deus
Revelando aos homens que só através do AMOR
Tornamo-nos verdadeiramente grandes.

Ismael
Guia espiritual do Brasil

Para Carlos Duarte

Esse livro eu dedico ao meu amado companheiro de toda a vida que sempre incentivou, acompanhou e admirou o meu encanto pelas palavras escritas. Foi com ele que escrevi a mais bela história da minha vida, sem a qual nenhuma inspiração teria sentido.

Introdução

De saída, devo esclarecer que o processo de criação totalmente espontâneo do texto trouxe consigo características peculiares e inesperadas de um conteúdo surpreendente até mesmo para mim.

Ao começar o trabalho, tinha a intenção de escrever um romance. Já no segundo capítulo, pressenti que não conseguiria dominar a avalanche de ideias incomuns que me invadia a mente, modificava o sentido proposto e, a cada vírgula, me mostravam um mundo desconhecido, jamais explorado, que só me era revelado na hora em que eu colocava as mãos no teclado e perdia a noção do que seria escrito naquele dia. E foi assim que a história ganhou autonomia, fugiu do meu propósito inicial e enveredou por um caminho que eu jamais ousaria seguir.

O rumo que o texto foi tomando me surpreendeu, quando a força que me direcionava, enveredou por um tema complexo, não escolhido por mim pelo qual não tinha a menor intimidade ou interesse pessoal. E assim, distanciada do objetivo a que me propus inicialmente, fui arrebatada pela intensidade com que a imaginação, a captação intuitiva e a minha sensibilidade me empurraram para adiante.

Por várias vezes, estive a ponto de desistir da responsabilidade de lidar com um tema muito mais sério do que a competência que eu tinha para abordá-lo. E, assim, terminei por colocar o projeto de lado por uns dois anos.

Recentemente, ao reler o que já estava pronto, percebi que o trabalho tinha uma proposta independente, bem maior

do que a minha pretensão de não torná-lo público, e que eu deveria assumir o desafio que me era apresentado. De mim, só dependeria o tom que a ele seria dado, dentro do contexto da história, para aliviar a tensão de um comprometimento inadequado. E a melhor solução estava em averiguar a origem das ideias que me chegavam e evitar afirmações errôneas sobre uma realidade fora da minha área de conhecimento. Tal decisão permitiu que reflexões intuitivas, bem próprias do meu estilo usual de escrever, fluíssem com maior naturalidade.

Enquanto as imagens de um enredo bastante ousado povoavam minha imaginação, fui tendo a compreensão de que deveria me manter coerente àquilo que me era permitido ver e relatar, usando somente os elementos que se encontravam à minha disposição, para contar a história. Constatei encantada que havia trechos que se fechavam à descrição em palavras por pertencerem a um mundo muito além do que percepção humana poderia alcançar. Respeitei os limites e distanciei-me do perigo de tentar interpretar formas e conteúdos que resistiam à minha capacidade de reproduzi-los para o leitor. Mas, ao pesquisar as origens dos significados que ilustravam meu contexto, deparei-me com a coincidência de relatos semelhantes aos meus, escritos por autores que dominavam o assunto e que se somavam à minha interpretação psico-intuitiva. E, ao constatar que estudiosos sérios haviam se envolvidos profundamente com essas questões instigantes e delicadas reunindo provas, tanto científicas quanto espirituais, para embasar seus estudos e justificar o interesse em divulgá-los, a minha motivação foi se tornando mais confortável. Isto, sem falar nas pesquisas que fiz sobre depoimentos de pessoas, confiáveis e imparciais, que relatavam experiências cuja descrição em muito se aproximava da que me havia chegado de forma espontânea e intuitiva.

Propositadamente, envolvi o texto em um ar de mistério que me deu liberdade de circular livremente entre as diversas camadas vibracionais das realidades paralelas que me surgiam através de imagens, invadiam minha criação descritiva e me propiciavam a inserção de detalhes tão claros, ou tão nebulosos, tal qual me eram apresentados. Coloquei um véu

entre os personagens e o mundo dentro do mundo com o qual acabei por me envolver inteiramente.

Distanciei-me dos detalhes das figuras que me eram apresentadas e dos lugares que percorri em minha imaginação. Evitei, ao máximo, dar ao texto o cunho de uma verdade científica para não cair em paradigmas que estivessem reservados à competência dos iniciados. Omiti denominações e citações que, embora fizessem parte do enredo que se criava a cada novo parágrafo, forçosamente iriam comprometer a espontaneidade da minha narrativa. Portanto, foi intencional o teor da descrição não pormenorizada dos ambientes, dos habitantes e dos costumes das civilizações que fizeram parte do contexto que se criou e evoluiu por si mesmo, livre e desimpedido de qualquer compromisso com a verdade. Por isso, insisti na ideia de que o que escrevi poderia ser interpretado como ficção e que assim seria lido por muitos dos que gostam desse gênero literário. E deixei livre o caminho para uma leitura sem preconceitos. Entretanto, ao mesmo tempo, uma porta estaria aberta para que por ela pudessem entrar os não-céticos, aqueles que conhecem melhor do que eu os fenômenos abordados, e que poderiam usufruir das explanações e dos relatos que tivessem algo a acrescentar aos seus estudos e pesquisas. Os que tivessem uma visão espiritual ou esotérica dos ensinamentos que surgiram no decorrer da narrativa, certamente fariam outra leitura e encontrariam muitas identidades com o texto pelo encanto e sabedoria trazidos pela minha prática em canalização que se mostrou presente em todos os momentos do livro, como parte de um atributo mediúnicos natural do qual não posso fugir.

O importante é que essas várias modalidades de interpretação vão atingir um público muito mais eclético do que eu poderia imaginar.

É preciso deixar claro que, na urgência de muitas frases contendo explicações, usei um vocabulário além do que minha mente tinha conhecimento anterior. Tive que buscar a comprovação das denominações, conceitos e explicações daquilo que não dominava, em trabalhos já publicados. Fiz uma extensa pesquisa que me ajudou na contextualização e foi me

surpreendendo durante os momentos em que a narrativa era precedida de imagens mentais descritas em termos e figuras de linguagem, cujo significado eu não tinha a menor noção. Felizmente, encontrei um extenso material de vários pesquisadores que confirmavam o que havia sido escrito, cujos créditos estarão citados na bibliografia ao final do texto e aos quais agradeço pela inestimável colaboração.

Por uma questão de honestidade comigo mesma, precisei usar dados que não fugissem da terminologia já existente para descrever os fenômenos que eu simplesmente desconhecia. Fiquei muito gratificada pela comprovação de que vários termos intuídos por mim estavam dentro desse contexto. Graças à ajuda recebida por escritores e estudiosos, cientistas e leigos, esotéricos e filósofos, mentores, guias espirituais e seres de realidades paralelas à Terra, minha obra acabou sendo enriquecida por notas de rodapé brilhantes que complementam o entendimento da sutileza da narrativa, esclarecem a terminologia e trazem também a mim, a luz do conhecimento que me faltava.

Entretanto, como é costumeiro em meu processo, tenho sempre mil palavras que saem da minha mente já mastigadas e prontas para se agruparem em frases transformadas nos textos que me chegam. Às vezes, elas me escapam antes de serem capturadas pelo papel e ganham livres os espaços e só são ouvidas pelos anjos do céu.

Não foram feitas para serem ditas ao homens.

Apenas os escritores e poetas entendem como esses lapsos acontecem.

E, foi assim, entre hiatos e continuidades que surgiu “Um mundo dentro do mundo” e, quem sabe, uma realidade dentro da ficção.

Anna Gurgel

1

O espanto era o de me saber ali, embora tivesse perdido o contato com o meu corpo e os meus sentidos. O entendimento de tal constatação desconexa perdeu-se na vacuidade do tempo dentro de mim. O espaço à minha volta estava preenchido por silhuetas de rostos que me olhavam de cima. Portanto, eu devia estar caída no chão. Qualquer tentativa de levantar-me se embaralhava-com a minha incapacidade de comandar qualquer movimento e, então, entreguei-me à impossibilidade do acaso.

Percebi que o domínio da minha consciência acabara de sofrer uma alteração significativa e que o meu desejo de resistir à mudança não encontraria correspondência em qualquer atitude que eu quisesse tomar. Depois do primeiro minuto de estranheza, surgiu uma prazerosa calma, sem medo, incerteza ou dor, que desvinculada da realidade parecia me conduzir para outro estado de ser onde era possível flutuar nos espaços de mim mesma com a leveza de um pássaro.

A mente, cautelosamente, evitava ultrapassar os limites tênues que me separavam da inconsciência. O interessante é que as sensações ganhavam uma nova percepção que ia sendo fortalecida, enquanto meu corpo parecia sucumbir e me indicavam algumas lembranças que ainda permaneciam vividas na minha memória: naquela tarde, ao passar a chave na porta de casa para sair, senti que trancara o meu passado lá dentro para que dele pudesse me libertar para sempre. Mas, como sou dada a rompantes passageiros de dramaticidade, segui em frente sem dar muita importância aos meus sonhos

de liberdade que, vez por outra, invadiam meu pensamento.

Agora impotente, mas ainda lúcida, sabia sem saber que aquele momento era limítrofe e que logo minha consciência se apagaria deixando para trás minha matéria adormecida no chão, e me colocaria em contato com o mais adiante de tudo o que por mim era conhecido, sem que nenhuma resistência impedisse minha partida.

Com o pouco de consciência que me restava, ainda tive tempo de me dar conta de que o que estaria "além" seria um reflexo do "que acabara de ser", pois tudo estava girando em torno de um "agora" consistente e enérgico que me trazia um sentido de existir diferente de tudo que havia experimentado. Foi preciso controlar a força com que a percepção dessa realidade me chegava para não perder o equilíbrio e passar depressa demais para o "agora" de uma dimensão diversa daquela com a qual estive acostumada a lidar desde sempre. O mais interessante é que de uma forma bastante natural, na medida em que eu ia me inserindo no novo contexto, o mundo ao meu redor ia perdendo a importância, apesar de algo totalmente imprevisível que me invadia.

Uma nova capacidade de entendimento se abria para mim: a certeza de que não se sabe nada sobre o depois do agora. Não há previsões que se sustentem somente por nossa vontade, por mais forte que ela seja. Algo muito maior decide o que deve ou não deve nos acontecer.

O estranho é que o inusitado não era surpreendente e, cada vez mais, a entrega se tornou não só concreta como necessária. Rapidamente percebi que, indiferente ao que acontecera com o meu corpo, o meu eu sobreviveu. Eu não havia morrido. E demorou muito pouco para que a transição da minha polaridade vibracional tomasse conta de mim trazendo com ela a tangível segurança da liberdade. A acuidade do meu sentir foi se intensificando com uma clareza espiritual sem amarras ou apegos. No momento seguinte, já pude me entregar ao deslocamento fascinante que me impulsionou para fora daquele clima carregado pela angústia dos que me cercavam aflitos e ansiosos por um socorro. As sombras da cidade foram ficando para trás, enquanto eu ia sendo abraçada

por uma atmosfera, certamente paralela à dimensão terrena, da qual emanava uma tranquilidade agradável e comedida, inabalável e inquestionável que invadiu de bem-estar o que eu acabara de me tornar!

A noção de que continuava a ser eu mesma era comprovada pela intimidade indiscutível com a minha presença que, embora distanciada de tudo o que se pode chamar de percepção dos sentidos humanos, era real. Não havia dúvidas de que meu corpo físico ainda me pertencia, no entanto, por força das circunstâncias, tinha transferido para o meu corpo astral^[1] todos os seus comandos e, apesar de continuar ligado a mim por impulsos energéticos invisíveis, não fazia parte dessa experiência. Todas as suas forças plasmadoras pareciam estar concentradas no meu “eu fluídico” para que este se amoldasse ao paradigma holístico que o espaço externo me apresentava, sem nenhuma interferência desagradável que me desviasse do foco imperativo de seguir adiante.

Conclusão: havia uma permissão cósmica que me dava o gosto da autonomia da minha existência que, enquanto esteve totalmente condensada na dimensão material jamais pude usufruir. O interessante era o fato de que, embora percebesse mudanças na natureza da minha realidade interna, não sentia nenhuma ameaça de me desconectar da pessoa que sempre fui. A intenção do momento vivido era de expansão. E fui invadida pela paz fascinante de um abandono que deslizava através da minha consciência, num fluxo contínuo e amoroso, e me fazia desfrutar da sensação de que estava mais perto do que nunca da minha origem no Universo. Não havia nenhum temor e nem apego pelo que havia deixado para trás.

A etapa de desprendimento que se segue à vida humana com a chegada da morte, em tese, sempre me pareceu complicada e enigmática. Mas o estado em que me encontro é privilegiado. Não tenho o menor sentimento de desencarne. Sei que o corpo do qual minha energia se desprendeu, ainda

[1] A questão do corpo astral é controversa pelas diversas denominações que, dentro do esoterismo, podemos encontrar. Também chamado de corpo anímico ou perispírito, “esse envoltório faz de um ser abstrato, o Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria. O fluido do perispírito constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a Matéria”. (N. do A.)

é minha morada. Estou agora numa condição intermediária, entre o estado material e o espiritual, a qual se apresenta com uma simplicidade atroz e inesperada. Respeito o significado da presença cósmica em cada momento que vai sendo clareado dentro de mim, sem nenhuma curiosidade de desvendar o mistério do desconhecido, porque, de repente, nada me parece mais natural do que a surpreendente experiência que me permite constatar a elasticidade do realismo transcendente. Desmistifico todo o peso que atribui ao desenlace. Talvez seja esta a revelação com a qual todos os seres se defrontam ao ultrapassar a fronteira da materialidade, tanto pela força de alguma circunstância passageira ou, até mesmo, pela circunstância da morte física.

E, de súbito, sou tomada por um descontrole inesperado. Isto me decepciona, sobretudo por perceber que a dualidade em que me encontro não é tão invulnerável aos apelos da matéria quanto eu pensava. Uma enxurrada de pensamentos surge do nada e começa a inundar minha mente. E a história da minha vida, bem humana, desemboca num mar de lembranças cuja correnteza me arrasta pelos caminhos já vividos, sem nenhum apoio onde possa me sustentar. Para onde estará me levando?

Vejo a cena. Um quarto azul, o som de um bip irritante, fios e eletrodos por todo lado, e aquela onda gigante que corre a uma velocidade louca na minha direção trazendo palavras que se debatem em sua crista, enquanto ela cresce e ameaça me engolir. Por um instinto de sobrevivência começo a tentar agregar as palavras para que se aglutinem em um entendimento coerente e a enxurrada de pensamentos não afogue a minha consciência. Rapidamente, busco algo que apazigue um pouco a força do turbilhão que desaba em cima de mim. Mas, as palavras que, em meio ao barulho das águas revoltas do meu pensamento parecem castigar minha consciência, querem me lembrar de que deixei uma família em casa à minha espera para jantar. A comida esfriou e eu não voltei. Ninguém deve ter imaginado o que, de fato, aconteceu comigo depois que descí a ladeira de pedras irregulares e desembocuei na larga avenida de trânsito intenso, em hora de rush.

Eu ia à mercearia cuja loja ficava há poucos metros do cruzamento onde deveria atravessar. E não atravessei. Parada na beirada da rua, fui tomada pela escuridão, como se um total blackout tivesse apagado a realidade à minha volta.

Respirei aliviada. Pelo menos, já havia recordado o que me acontecera e contido o turbilhão de preocupação que havia tomado conta da minha mente.

Logo pude me desvencilhar do pesado atordoamento na hora do acidente, e o troquei pela clara sensação de que fluava acima da multidão que se concentrava em volta de mim, na esquina. Não opusera a menor resistência e me deixara levar pelo vento que me afastava, e me afastava, para as montanhas. A grande metrópole, com o pulsar constante de seus ruídos estridentes que insistiam em se misturar às lamúrias dos impacientes espectadores curiosos à espera da remoção do meu corpo inerte, estirado na beirada da calçada, aos poucos foi desaparecendo.

Era nítida a percepção de que a alma, a energia ou o espírito, quando se separa do corpo se desapega e não sofre mais as exigências obsessivas de manter tudo sob seu controle. Uma coisa é você lançar uma teoria sobre uma situação subjetiva como esta. Outra coisa é experienciá-la. Afirmo que o sofrimento obsessivo da morte está ligado à prisão da alma à matéria. Quando dela somos libertos de forma consciente e harmoniosa, não há outra coisa a não ser o alívio e a paz que não pode ser partilhada, nem descrita em palavras, pela grandeza inédita com que toma conta de nosso espírito.

Em seguida, percebo que esse estado de tranquilo entendimento durou pouco. Antes que eu relaxasse por completo, uma onda havia se formado e em sua crista trazia uma torrente de considerações que rodopiavam e me levavam de volta à realidade material da qual desta vez, quem sabe, eu não teria mais como me desvencilhar. Sentia a força das palavras que estavam sendo empurradas para forçar a minha inclusão na realidade que certificava minha presença física no hospital. Isso me trouxe um cansaço debilitante, e uma dualidade não objetiva, que me tirou do centro do equilíbrio ao qual eu havia acabado de conquistar. Não havia como deter os questiona-

mentos que me envolviam de forma avassaladora. Quando a fúria da onda parecia não ter fim e ameaçava arrebentar os fios, os aparelhos e a cama de hospital, como que por milagre, ela se desdobrou e deslizou, com suavidade, espalhando docemente as palavras pela praia do meu inconsciente. Em seguida, se retraiu com mansidão, levou embora os excessos de minha aflição e desapareceu. A sensação que ficou foi a de que a maneira humana de reagir e rebelar-se conseguiu, finalmente, apaziguar o meu raciocínio e, agora, sinalizava o estado transitório de autoconsciência que me encontro, onde tenho liberdade para usar minha mente e me integrar às diversas dimensões que coabitam o mundo que me rodeia, sem qualquer perigo.

Penso: — Já estou vazia e pronta!

Percebo que já deixei a cama do hospital. Estou estirada em uma areia macia? Não! Estou na relva que cobre a parte mais alta de uma montanha! Ao levantar-me e tentar caminhar, descubro que não tenho controle algum sobre as minhas pernas como se elas, de fato, não me fossem necessárias! Logo experimento uma nova e divertida maneira de me locomover sem tocar o chão e, ao mesmo tempo, de sentir perfeitamente a textura e umidade da relva macia sob meus pés invisíveis, somente presentes “lá embaixo”, grudados ao meu corpo enfermo. Não preciso de músculos para deslocar-me no ar e isso é maravilhoso! No entanto, não sei direito o lugar para onde devo ir. Através de uma intuição, mais espiritual do que psicológica, descubro que é o lugar que precisa vir à mim. E ele vem.

De súbito, paro à entrada de um buraco escavado na rocha pontuda do topo da montanha. E aí, acontece um sobressalto energético que me arrepia a alma! Meu campo magnético acaba de ser invadido por uma vibração que não me pertence, mas com a qual se evidencia a clareza de uma grande intimidade! Em meio à perplexidade que me causa a “invasão” dessa energia inesperada, uma certeza acusa a presença de uma alma muito querida que veio me receber além da matéria. Ainda há incerteza quanto à realidade subliminar que vivencio. Seu contorno, envolto pela camada esbranquiçada da bruma

que o cobre, deixa aparente somente os vestígios de suas feições humanas inesquecíveis, o que não impede que minha emoção se expanda para desenhar no ar um rosto amado que não consigo mais ver. Entretanto algo me diz: “ele está mais jovem. Deve ter no máximo 30 anos”.

— Como conseguimos? Como consegui chegar ao passado e ao futuro, tudo resumido no presente? — se é que posso chamar de presente o momento que deixou de ser o que era antes para atuar diretamente sobre uma realidade paralela ao agora.

Então me dou conta que estou em busca do seu olhar doce e tão familiar que era a razão da alegria que me chegava, todas as manhãs, para acordar a minha vida todos os dias. Mas, não consigo que a imaginação alcance seu propósito. Entretanto, mesmo sem as definições de seus traços, identifico sua energia vibrante que, indubitavelmente, veio até mim para ser partilhada. Envolvida pelo momento terno, sinto meu coração bater emocionado no âmago da minha alma, embora esteja lá embaixo, ligado ao meu corpo adormecido. Não preciso de outra coisa que não seja a certeza de tê-lo encontrado. Não preciso de olhos para identificá-lo. A vibração que trocamos é a prova da singularidade de nossas almas que estarão sempre unidas, em qualquer espaço que ocupemos no Universo!

Sem o peso da matéria, a sensibilidade aflora com mais força e me apresenta uma possibilidade de percepção desconhecida: não tenho mais necessidade de comprovar nada. Tudo é da forma que sinto. E, de modo quase palpável, sua presença se torna real. Está ali, inteira, verdadeira, completa em sua autenticidade, com seus maneirismos, seus gestos pessoais peculiares, seu tudo, em uma indicação clara de que existem mecanismos ocultos que estão acionando minha memória transcendental e atualizando as informações de uma pessoa que deixou de existir no plano material há muito tempo, mas que retoma a identidade da sua última encarnação. E se, no momento, meu cérebro físico está inoperante, o perispiritual está ativo para trazer de volta a essência viva de todas as sensações e lembranças de nossa união cósmica.

É intensa a felicidade tranquila que escapole de dentro

da névoa de sua condição imaterial e se mescla à minha energia. De sua forma etérea, vejo correrem fios de uma suave e ofuscante luz que jorra como uma fonte de amor, derramando fluidos calorosos e afetivos que nos enlaçam e inundam nossas almas de alegria; igualam nossas dimensões distanciadas quando da passagem dele para o mundo espiritual; estabelecem a continuidade da harmonia que garantirá a nossa permanência, lado a lado, durante um período de tempo que não posso calcular. Mesmo que seja por um segundo, já estou em estado de graça!

Através do ar rarefeito e magnético que nos envolve, vou me reabastecendo do seu amor eterno e agradeço à concessão divina que me levou até ele. Não tenho dúvidas de que eu pertenço à matéria e ele não mais. Essa certeza consolida a noção de que, embora sinta a plenitude de sua presença, a nossa atração se deu em um estado intermediário entre duas realidades vibracionais. Tal conclusão é inevitável, como justificativa, diante das circunstâncias desse “não lugar” em que o imaginário ganha realidade, forma e, sobretudo, conteúdo!

Sinto necessidade de adequação à minha dupla condição, material e incorpórea, para estabilizar algum desajuste causado pela perda da energia vital que, por ventura tenha escapado de mim enquanto estive deitada na beira da calçada. Lembro-me de que fui surpreendida pela sensação de esvaziamento. Mas, agora, o espanto e o assombro de ter encontrado o amor da minha vida são tão grandes que vão compensar qualquer desequilíbrio extrafísico.

E a eternidade cai sobre nós, unidos outra vez no nosso planeta, fora do espaço, da duração do tempo e da necessidade que nos instiga a medir a distancia que separa aquilo que foi daquilo que será e que só serve para fragmentar a força da continuidade cósmica abalando a certeza de que as afinidades entre os homens são espirituais e, portanto, indestrutíveis.